

A polêmica sobre as causas do homossexualismo

RAYMUNDO DE LIMA *

“Mas, onde foi que eu errei?!”. Essa é a pergunta que sempre aparece no final de um quadro humorístico do pai que se sente culpado de ter um filho homossexual. Com a maior tolerância da sociedade, sobretudo da mídia, aos homossexuais, muitas famílias ainda se escandalizam e pais demonstram ansiedade diante da possibilidade de seu filho “homem” um dia revelar essa tendência psicosssexual.

Há controvérsias se o homossexualismo é determinado geneticamente, se é resultado da educação ou do meio ambiente em que a pessoa é criada. O neurobiólogo Roges Goski (Universidade da Califórnia, EUA) fez experiências em laboratórios com ratos e seres humanos, ambos fêmeas, que receberam testosterona (o hormônio masculino) ainda em fase intra-uterina e observou que, desde a primeira fase da vida, elas tinham comportamentos masculinos, como gostos, brincadeiras mais agressivas além de sentirem-se mais atraídas por fêmeas.

Já o geneticista Dean Hamer (Instituto Nacional de Saúde dos EUA) sustenta a tese de que homossexualismo tem determinação genética. O geneticista diz ter descoberto genes numa determinada

região, que ele chamou de GAY-1, associados ao homossexualismo. Tal hipótese não teve muita credibilidade no meio científico americano, mas seus defensores dizem haver uma lógica: “se os genes transmitem as características hereditárias e contêm 'instruções' para a fabricação das substâncias que fazem os organismos funcionarem, também poderia lançar a probabilidade de homossexuais (assumidos ou não) terem filhos também homossexuais.” É uma tese que coloca o homossexualismo não como uma opção ou estilo de vida, mas como resultado de uma variação genética.

Contrários a essa tendência biogeneticista das causas do homossexualismo estão os psicólogos e psicanalistas. Não se nega que a base genética de nossas características humanas ou as tendências que temos de desenvolver algumas doenças, por exemplo, tem base genética, mas daí incluir o homossexualismo como quase-doença geneticamente determinada é, no mínimo, simplismo científico.

Daryl Bem, psicólogo da Universidade de Cornell (EUA), pesquisa a formação intra-familiar do homossexual. Quais brincadeiras uma pessoa preferia quando



* RAYMUNDO DE LIMA é professor do DFE-UEM e membro da BFC-Centro de Psicanálise, de Curitiba.

criança, seus gostos por roupas, joias, tipo de relação com a mãe, com o pai, etc., e concluiu que os incidentes do desenvolvimento, o tipo de investimento familiar e as tendências da própria pessoa, todos esses fatores pesam muito mais na determinação do homossexualismo do que os fatores genéticos.

A nova geração de psicólogos americanos a partir de Judith Harris tende a valorizar as vivências “fora” da família, isto é, as relações interpessoais com vizinhos, colegas da escola e da rua, como fatores que mais pesam no desenvolvimento da personalidade. Nesse sentido, meninos que se comportam segundo o estereótipo de menino (gostam de brincadeiras mais agressivas, se identificam com heróis, gostam de aventuras, ação, são menos obedientes e se encrenam na escola por má conduta mais que as meninas etc.) se diferenciam delas, que costumam ter um jeito mais suave e introspectivo. O “normal” nessa cultura é esperar que os meninos sintam-se atraídos pelas mulheres, mas *não em ser como elas*. Porém, sobram perguntas sem respostas satisfatórias. Como entender as pessoas que desde crianças sentem-se atraídas pelo estilo das meninas? Será que, só por essa tendência, fatalmente desenvolverão homossexualismo ou será apenas uma fase passageira? E as meninas que admiram mais as meninas, que são fascinadas por pessoas famosas, será que estão sendo atraídas a se tornarem homossexuais ou trata-se somente de simples admiração?

De nossa parte, esclarecemos que tanto no caso dos meninos quanto das meninas, até a fase da adolescência, não podemos afirmar que serão homossexuais quando adultos, só por terem gostos e jeito do sexo oposto. São fases em que é normal a presença de

estereótipos, facilmente copiados na mídia e repetidos nos gestos, mímica, falas, etc. Ademais, se eles estão ainda em formação total da personalidade, inclui também a psicosssexualidade ou sua definição sexual.

Os estudos de Freud, no início do séc. 20, jogaram um pouco de luz nas causas da **homossexualidade**. Para o pai da psicanálise, três fatores parecem determinar o **homossexualismo**: a forte ligação com a mãe, a fixação na fase narcísica e o complexo de castração. No **primeiro**, o homossexualismo teria início devido a uma forte e incomum fixação com a mãe o que impediria essa pessoa de se ligar a outra mulher. O **segundo** fator, o narcisismo, faz com que a pessoa tenha menos trabalho em se ligar ao seu igual que em outro sexo. A estagnação na fase narcísica faria com que “o amor fosse para eles sempre condicionado por um órgão genital semelhante ao deles” (Ferenczi). O **terceiro** fator, aponta problemas relativos à travessia da castração, isto é, sofrimentos relativos as perdas e a idéia de morte que deixariam a pessoa acomodada ou acovardada na sua psicosssexualidade.

Em verdade, não podemos escapar do fato de que somos todos **ambissexuais**. Esse termo proposto por S. Ferenczi, em 1914, é ainda útil para exprimir que a criança, num certo estágio do seu desenvolvimento normal, manifesta sentimentos **anfieróticos**, quer dizer, ela pode transferir sua libido ao mesmo tempo para o homem (o pai) e para a mulher (a mãe). Observa-se em qualquer cultura do mundo – incluso também a nossa – que as pessoas tendem a ter atração pelo mesmo sexo e se distanciam do sexo oposto, ou seja, **as amizades são mais fáceis de acontecer entre homens e só de mulheres entre si**. Não faz muito tempo, as escolas separavam salas de

aulas só de meninas e outras só com meninos, numa evidente opção institucional e inconsciente pela “homossexualidade”. Até hoje, no interior brasileiro, assim como no mundo oriental, os hindus, os árabes, se sentem mais próximos dos homens que de mulheres. Nessas culturas não há preconceito quanto à homossexualidade, vista nos grupos de danças, nas rodas de jogos, nas conversas e brincadeiras. Esses grupos se organizam segundo as regras da **homossexualidade** (quer dizer: “igual sexo”) e, no entanto, ao que parece não chegam a ser **homossexuais**. Por quê? Talvez pelo complexo de castração, o terceiro fator acima proposto pela psicanálise.

De qualquer forma, ainda não foram respondidas a contento as questões: por que algumas pessoas têm preferências ou tendências homossexuais? Será que o homossexualismo não passa de uma espécie de inveja do outro sexo; que deseja ter o jeito do outro sexo? Ou, seu desejo primeiro é não ter desejo, nem ser

“macho”, nem “fêmea”, mas de ser o **terceiro** sexo? Qual o limite da determinação genética quanto à homossexualidade e o homossexualismo? E a influência desta com os fatores ambientais e a significação atribuída ao próprio sujeito desejante?

No momento, os estudiosos parecem estarem de acordo em somente um ponto: **não há uma única causa quanto ao que determina o homossexualismo.**

Os pais em geral deveriam educar seus filhos para uma sexualidade sadia, sem preconceitos ou sofrimentos desnecessários. Deveriam ter melhor preparo, mais esclarecimentos e sobretudo saber escutá-los nas suas dificuldades e dúvidas. Os pais de homossexuais não mais deveriam se perguntar “Onde foi que eu errei?”, mas “Como devo proceder-me para que essa pessoa seja feliz?”, porque, em verdade, o amor não tem sexo.